

ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA LÍNGUA INGLESA

 Cursoslivres



A leitura como porta de entrada para o vocabulário e a gramática

A leitura em língua estrangeira, especialmente no contexto do ensino de inglês como segunda língua, tem sido amplamente reconhecida como uma ferramenta poderosa na aquisição de vocabulário e na internalização de estruturas gramaticais. Esse reconhecimento não apenas sustenta abordagens pedagógicas comunicativas e integradas, mas também evidencia a leitura como um processo ativo de construção de sentido e expansão linguística.

O primeiro ponto a se destacar é a relação entre leitura e aquisição de vocabulário. Estudos demonstram que a leitura extensiva — ou seja, a leitura frequente de textos variados e compreensíveis — expõe o aluno a um grande volume de palavras em diferentes contextos, o que favorece a fixação e a ampliação do repertório lexical. Segundo Nation (2001), aproximadamente 98% das palavras de um texto devem ser compreendidas para que o leitor consiga captar o sentido global e aprender novas palavras de forma incidental. Isso significa que, ao se deparar com palavras desconhecidas em contextos claros e repetidos, o leitor pode inferir seus significados sem o uso constante do dicionário, o que contribui para a fluidez da leitura e para a aprendizagem natural da língua.

Além disso, a leitura permite a observação prática e contextualizada das regras gramaticais. Ao contrário da memorização abstrata de normas, os alunos expostos a textos autênticos — como artigos jornalísticos, contos curtos, blogs, manuais e diálogos — podem perceber como estruturas gramaticais são utilizadas de forma significativa na comunicação. Krashen (1989) defende que a aquisição da linguagem se dá de maneira mais eficaz quando o input linguístico é compreensível e interessante, e a leitura oferece exatamente esse tipo de insumo: uma linguagem rica, variada e que respeita a progressão natural do entendimento do aprendiz.

A prática da leitura também estimula a familiarização com a frequência e a função de diferentes elementos linguísticos. Verbos modais, tempos verbais, conectores e pronomes são assimilados de forma mais sólida quando

observados repetidamente em textos diversos. Por exemplo, em narrativas, o uso do passado simples é recorrente; já em manuais e receitas, predomina o imperativo. Dessa forma, o aluno associa a estrutura à sua função comunicativa, o que é fundamental para seu uso autônomo em produção oral ou escrita.

É importante salientar que o desenvolvimento dessas competências não ocorre de forma automática. A leitura precisa ser orientada e planejada, com objetivos claros e estratégias adequadas ao nível linguístico do estudante. Ler com um propósito — como identificar personagens, localizar ideias principais ou inferir significados — contribui para uma maior atenção aos detalhes lexicais e gramaticais. Além disso, o uso de glossários, listas de vocabulário, releituras e atividades de pós-leitura (como resumos, recontagens ou questões de interpretação) potencializa o aprendizado e promove o envolvimento do aluno com o texto.

No contexto brasileiro, onde o ensino de inglês muitas vezes se concentra na gramática normativa e na tradução literal, a leitura pode desempenhar um papel transformador. Ela oferece um caminho mais natural e contextualizado para o aprendizado, aproximando o aluno da língua viva, como é usada por falantes reais em situações diversas. Além disso, contribui para a motivação, pois possibilita o contato com temas de interesse do aluno, fortalecendo sua autonomia e curiosidade intelectual.

Em suma, a leitura constitui um dos pilares fundamentais no processo de aquisição da língua inglesa. Ela não apenas amplia o vocabulário e reforça estruturas gramaticais, mas também promove o pensamento crítico, a fluência e a competência comunicativa. Um ensino que valoriza a leitura como porta de entrada para a língua é, portanto, mais eficaz, inclusivo e conectado às reais necessidades do aprendiz do século XXI.

Referências bibliográficas

- Krashen, S. D. (1989). *The Input Hypothesis: Issues and Implications*. New York: Longman.
- Nation, I. S. P. (2001). *Learning Vocabulary in Another Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Brown, H. D. (2007). *Principles of Language Learning and Teaching*. White Plains, NY: Pearson Longman.



Benefícios da leitura para a compreensão geral da língua

A leitura desempenha um papel central no desenvolvimento da competência comunicativa em uma língua estrangeira. Mais do que um simples exercício de decodificação de palavras, ler em uma nova língua proporciona acesso à estrutura da língua como um todo — vocabulário, gramática, uso pragmático e elementos culturais. A prática constante da leitura, especialmente quando realizada com textos variados e contextualizados, contribui diretamente para o aprimoramento da compreensão geral da língua, promovendo não apenas o conhecimento linguístico, mas também habilidades cognitivas, metacognitivas e interpretativas.

Um dos benefícios mais evidentes da leitura é a exposição frequente e variada ao vocabulário. De acordo com Grabe (2009), a leitura é uma das atividades que mais contribui para a aquisição lexical, permitindo que o aluno entre em contato com palavras em diferentes contextos e usos. Esse contato contínuo favorece a fixação de significados, a ampliação do repertório e o reconhecimento de padrões linguísticos. Além disso, palavras recorrentes em diferentes gêneros textuais reforçam o entendimento e facilitam a transição entre a leitura e a produção oral ou escrita.

A leitura também auxilia na internalização de estruturas gramaticais. Quando o estudante lê textos em língua estrangeira com regularidade, ele observa o uso real e contextualizado das regras gramaticais. Isso permite que, mesmo sem um estudo explícito da gramática, o aluno assimile padrões, formas verbais, ordem das palavras e uso de conectores. Para Krashen (1982), esse tipo de “input compreensível” é essencial para a aquisição linguística, pois fornece exemplos naturais do funcionamento da língua, que são absorvidos subconscientemente.

Outro benefício fundamental da leitura é o desenvolvimento da compreensão textual e da habilidade de inferência. O leitor aprende a extrair significado de textos mesmo quando não entende todas as palavras. Ao fazer inferências baseadas no contexto, no conhecimento prévio e em pistas textuais, ele se

torna mais autônomo e confiante. Essas estratégias de leitura melhoram não apenas a capacidade de interpretar textos, mas também promovem uma compreensão mais profunda de como a linguagem transmite ideias, emoções, intenções e valores culturais.

Além disso, a leitura favorece a familiarização com diferentes registros e estilos da língua. Ao entrar em contato com gêneros variados — como narrativas, artigos jornalísticos, instruções, e-mails, blogs e diálogos — o leitor amplia sua capacidade de adaptação linguística a diferentes contextos. Isso contribui significativamente para a competência comunicativa, pois a linguagem escrita oferece modelos de uso formal e informal, além de apresentar diferentes estruturas textuais e vocabulários específicos.

O impacto da leitura sobre a compreensão geral da língua também se manifesta na fluência. Leitores frequentes desenvolvem maior rapidez na identificação de palavras, na organização de ideias e na antecipação do conteúdo, o que reduz a necessidade de interrupções para traduções ou consultas ao dicionário. Segundo Nation (2009), a fluência leitora está diretamente ligada ao número de palavras conhecidas, à automatização da leitura e à prática constante, fatores que se reforçam mutuamente em um ciclo positivo de aprendizagem.

Por fim, é importante ressaltar o papel motivacional da leitura. Quando o aluno é exposto a textos que dialogam com seus interesses, experiências ou objetivos, ele tende a se engajar mais com a língua, a buscar novas leituras e a aprender de forma mais significativa. Essa motivação se converte em maior tempo de exposição à língua, o que, por sua vez, resulta em avanços mais consistentes na compreensão geral.

Em resumo, a leitura é uma ferramenta indispensável no processo de aprendizagem de línguas. Seus benefícios extrapolam o campo da compreensão textual, atingindo todas as dimensões da competência linguística. Ao promover contato contínuo com a língua em uso real, estimular o aprendizado de vocabulário e gramática, desenvolver a fluência e favorecer a motivação, a leitura se consolida como um dos pilares mais eficazes na formação de usuários proficientes de uma segunda língua.

Referências bibliográficas

- Grabe, W. (2009). *Reading in a Second Language: Moving from Theory to Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Krashen, S. D. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press.
- Nation, I. S. P. (2009). *Teaching ESL/EFL Reading and Writing*. New York: Routledge.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Brown, H. D. (2007). *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy*. White Plains, NY: Pearson Longman.



Tipos de textos mais comuns em ambientes de aprendizagem

O domínio da leitura em língua estrangeira, especialmente no contexto educacional, exige familiaridade com diversos tipos de textos que aparecem frequentemente em ambientes de aprendizagem. Esses textos são selecionados não apenas por sua relevância linguística, mas também por suas funções comunicativas e informativas dentro do processo educacional. Compreender a tipologia textual mais recorrente nos materiais pedagógicos ajuda o aluno a desenvolver estratégias específicas de leitura, facilita a navegação pelo conteúdo e promove a autonomia na aprendizagem.

Em ambientes de ensino, os textos mais comuns podem ser classificados em três grandes grupos: **textos instrucionais**, **textos informativos** e **textos narrativos**. Cada um desses grupos apresenta características próprias quanto à linguagem, estrutura e objetivo comunicativo, exigindo do leitor diferentes habilidades de interpretação e processamento linguístico.

Os **textos instrucionais** são amplamente utilizados em contextos educacionais, especialmente em disciplinas técnicas, aulas práticas ou manuais de aprendizagem. Têm como principal função orientar o leitor na execução de uma tarefa, por isso apresentam linguagem direta, verbos no imperativo e sequência lógica de ações. Exemplos típicos incluem receitas, instruções de montagem, procedimentos laboratoriais e guias de uso de softwares. Segundo Marcuschi (2008), esses textos estão fortemente ligados à noção de sequencialidade e operam com estruturas previsíveis, o que favorece a leitura estratégica, como o uso de *scanning* para localizar passos ou comandos específicos.

Os **textos informativos** são igualmente centrais no ambiente escolar e universitário. Eles têm como objetivo principal transmitir dados, fatos ou explicações sobre determinado tema. Podem estar presentes em livros didáticos, artigos científicos adaptados, notícias, enciclopédias ou resumos. Geralmente, são escritos em linguagem mais objetiva e formal, com uso frequente de recursos como definição, enumeração, comparação e

exemplificação. Conforme Koch e Elias (2012), a leitura de textos informativos demanda atenção a conectivos lógicos e marcadores discursivos que organizam o raciocínio e permitem ao leitor acompanhar a progressão das ideias. A habilidade de *skimming* pode ser particularmente útil nesse tipo textual, permitindo captar rapidamente a ideia central e os principais pontos do conteúdo.

Já os **textos narrativos** aparecem com frequência em materiais de leitura extensiva e atividades de incentivo à prática linguística, principalmente nos níveis básicos e intermediários. Contos, histórias curtas, crônicas e fábulas são utilizados para introduzir vocabulário em contexto, desenvolver a compreensão de tempos verbais e estimular a leitura por prazer. Narrativas são eficazes porque envolvem o leitor emocionalmente e apresentam linguagem mais fluida, com marcadores temporais, descrição de personagens e enredo estruturado em introdução, conflito e desfecho. Para Zwaan e Radvansky (1998), esse tipo textual ativa a construção de modelos mentais complexos, o que facilita a compreensão global da língua e a retenção do vocabulário.

Além desses grupos principais, outros gêneros têm ganhado espaço nos ambientes de aprendizagem devido à sua relevância no uso cotidiano da língua. Entre eles, destacam-se os **textos argumentativos**, como editoriais, cartas do leitor e ensaios de opinião, que desafiam o leitor a interpretar pontos de vista e a identificar estratégias persuasivas. Também são frequentes os **textos digitais e multimodais**, como postagens em blogs, fóruns educacionais, e-mails formais e mensagens em plataformas de aprendizagem online. Esses textos exigem competências de leitura que incluem a interpretação de elementos extratextuais e a adaptação do entendimento às novas formas de linguagem.

A diversidade textual nos ambientes de aprendizagem tem um impacto direto na formação de leitores mais críticos, autônomos e estratégicos. Quando expostos a diferentes gêneros, os alunos aprendem a adaptar sua leitura aos objetivos propostos, desenvolvem maior consciência linguística e ampliam suas capacidades comunicativas. É fundamental, portanto, que os educadores selecionem textos que sejam não apenas adequados ao nível linguístico dos

alunos, mas também variados em termos de estrutura e função, garantindo uma formação leitora ampla e significativa.

Referências bibliográficas

- Koch, I. G. V., & Elias, V. M. (2012). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. São Paulo: Contexto.
- Zwaan, R. A., & Radvansky, G. A. (1998). *Situation models in language comprehension and memory*. *Psychological Bulletin*, 123(2), 162–185.
- Solé, I. (1998). *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.



Superando o medo de ler em outra língua

O processo de aprendizagem de uma nova língua envolve desafios de ordem cognitiva, linguística e emocional. Entre esses desafios, o medo de ler em outra língua é um dos obstáculos mais recorrentes enfrentados por estudantes, especialmente em níveis iniciais. Esse receio está geralmente ligado à insegurança quanto à compreensão do texto, à frustração diante do vocabulário desconhecido, à ansiedade em relação ao erro e à crença de que a leitura só é válida quando se entende “cada palavra”. Superar esse medo é fundamental para o progresso na aprendizagem linguística, pois a leitura é uma das ferramentas mais eficazes para o desenvolvimento da competência comunicativa e da autonomia do estudante.

Uma das principais causas do medo de ler em uma língua estrangeira é o hábito de associar a leitura ao entendimento total e literal do texto. Muitos aprendizes iniciantes tentam traduzir palavra por palavra, o que, além de tornar o processo lento e frustrante, impede que o leitor desenvolva uma visão global do conteúdo. Para Krashen (1982), esse tipo de abordagem contraria os princípios da aquisição natural da linguagem, que ocorre por meio de exposição significativa e contextualizada à língua-alvo. Assim, a leitura deve ser vista não como um teste de vocabulário ou gramática, mas como uma oportunidade de interação com a língua em uso real.

Outro fator que contribui para o medo de ler em outra língua é a ansiedade. De acordo com Horwitz, Horwitz e Cope (1986), a ansiedade na aprendizagem de línguas estrangeiras pode prejudicar a memória de trabalho e limitar o desempenho cognitivo do aluno. No contexto da leitura, isso se manifesta em bloqueios, falta de concentração e desistência precoce. A superação dessa barreira passa pela criação de um ambiente de leitura positivo, em que o erro seja tratado como parte do processo e onde o aluno se sinta seguro para explorar textos sem a pressão de compreender tudo perfeitamente.

Para reduzir o medo da leitura, é essencial adotar estratégias pedagógicas que valorizem o progresso gradual e o prazer na atividade. A leitura extensiva — ou seja, a leitura frequente de textos simples e interessantes para o aluno

— é altamente recomendada nesse sentido. Conforme Day e Bamford (1998), esse tipo de leitura promove a fluência, aumenta a motivação e melhora a autoconfiança, justamente porque os textos são escolhidos de acordo com o nível e os interesses do leitor. A chave está em oferecer materiais acessíveis, com vocabulário controlado e temas envolventes, que permitam ao aluno ter uma experiência de sucesso.

Além disso, é importante ensinar aos estudantes estratégias específicas de leitura, como *skimming* (leitura rápida para captar a ideia geral) e *scanning* (leitura seletiva para localizar informações), que ajudam a tornar o processo mais funcional e menos intimidante. Também se deve estimular o uso do contexto para deduzir o significado de palavras desconhecidas, evitando a dependência excessiva do dicionário. Como aponta Nuttall (2005), o leitor eficiente não é aquele que conhece todas as palavras, mas aquele que sabe lidar com as que não conhece.

Outro aspecto relevante para superar o medo é o trabalho com metas realistas e personalizadas. Ao invés de exigir compreensão total de textos complexos, o professor pode propor tarefas simples, como identificar a ideia principal, localizar personagens, reconhecer conectores ou inferir o tom do texto. Isso permite que o aluno perceba avanços concretos e desenvolva uma relação mais confiante com a leitura. O uso de atividades colaborativas, como leitura em duplas ou grupos, também contribui para a diminuição da ansiedade e promove a troca de estratégias entre os colegas.

A superação do medo de ler em outra língua é, portanto, um processo que envolve tanto o desenvolvimento de competências técnicas quanto a ressignificação emocional da atividade. Ler em inglês, espanhol, francês ou qualquer outro idioma estrangeiro deve ser uma experiência de descoberta, e não de julgamento. Quanto mais positiva e significativa for essa experiência, maior será o engajamento do aluno com a língua e mais sólida será sua trajetória de aprendizagem.

Referências bibliográficas

- Krashen, S. D. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press.
- Horwitz, E. K., Horwitz, M. B., & Cope, J. (1986). *Foreign Language Classroom Anxiety*. *Modern Language Journal*, 70(2), 125-132.
- Day, R. R., & Bamford, J. (1998). *Extensive Reading in the Second Language Classroom*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Oxford, R. L. (1990). *Language Learning Strategies: What Every Teacher Should Know*. New York: Newbury House.



Como evitar a tradução palavra por palavra

A tradução palavra por palavra é uma prática comum entre estudantes de línguas estrangeiras, especialmente nos níveis iniciais, que tende a comprometer a fluidez da leitura, a compreensão textual e o desenvolvimento da competência linguística. Essa abordagem, baseada na tentativa de atribuir significado isolado a cada vocábulo, ignora o contexto, as estruturas idiomáticas e as diferenças culturais entre as línguas, resultando muitas vezes em interpretações distorcidas ou incoerentes. Superar esse hábito é essencial para que o aprendiz desenvolva uma leitura mais eficiente, compreensiva e autônoma na língua-alvo.

O principal problema da tradução palavra por palavra é que ela fragmenta o texto, impedindo o leitor de perceber sua coesão e coerência global. Como aponta Nuttall (2005), o significado de um texto não está na soma de seus elementos isolados, mas na interação entre palavras, estruturas sintáticas e intenções comunicativas. Por isso, o foco na tradução literal compromete a capacidade de inferência e interpretação, que são habilidades fundamentais para uma leitura eficaz.

Além disso, línguas diferentes estruturam a realidade de formas diversas, o que implica em diferenças gramaticais, léxicas e semânticas. Uma mesma palavra pode ter múltiplos significados, dependendo do contexto em que está inserida. Um exemplo simples é o verbo inglês “take”, que pode significar “pegar”, “levar”, “tomar”, “aceitar” ou até fazer parte de expressões idiomáticas como *take a look* (“dar uma olhada”) ou *take care* (“se cuidar”). A tradução literal de cada termo, portanto, não garante a fidelidade do sentido e, em muitos casos, pode gerar confusão.

Para evitar a tradução palavra por palavra, é fundamental adotar uma abordagem de leitura baseada no **entendimento global** do texto. O primeiro passo é treinar o olhar para captar a ideia central de cada parágrafo, identificando palavras-chave e marcadores discursivos. Essa prática, conhecida como *skimming*, permite ao leitor compreender a intenção geral do texto mesmo sem conhecer todos os vocábulos. Conforme Grabe (2009),

a leitura eficaz em segunda língua está mais associada à capacidade de inferência e à ativação do conhecimento prévio do que à tradução literal.

Outra estratégia importante é o uso consciente do **contexto linguístico e situacional** para deduzir significados. Quando o leitor encontra uma palavra desconhecida, ele pode recorrer ao restante da frase, ao parágrafo ou ao tipo de texto (narrativo, instrucional, opinativo) para inferir seu significado. Essa prática é mais produtiva e eficaz do que interromper a leitura a cada palavra não compreendida para buscar traduções no dicionário, o que, segundo Oxford (1990), fragmenta a leitura e desmotiva o aluno.

Também é útil incentivar o estudante a desenvolver um **vocabulário receptivo** por meio da leitura extensiva. Ler textos adequados ao nível do aluno, com vocabulário recorrente e temas de interesse pessoal, contribui para que o significado de palavras e expressões seja assimilado naturalmente, sem necessidade de tradução constante. Krashen (1989) defende que o input compreensível e frequente, aliado à motivação e ao prazer na leitura, favorece a aquisição do vocabulário e da estrutura da língua de maneira incidental e duradoura.

Além disso, o ensino de **expressões idiomáticas, coligações e frases feitas** deve ser incorporado à prática de leitura. Muitas vezes, o significado de uma sentença depende do entendimento de uma expressão fixa, que perde completamente o sentido quando traduzida palavra por palavra. Ensinar que a língua funciona também por meio de combinações previsíveis de palavras (por exemplo, *make a decision*, *do homework*, *have a rest*) ajuda o aluno a perceber padrões e a confiar mais em sua intuição linguística.

Por fim, é importante que professores e materiais didáticos reforcem a **mentalidade comunicativa** da leitura. Ler não é traduzir, mas sim compreender ideias. Um leitor eficiente em língua estrangeira é aquele que consegue extrair o essencial de um texto, identificar sua função, captar nuances e, sobretudo, fazer sentido da informação lida — mesmo que nem todas as palavras sejam conhecidas. Evitar a tradução palavra por palavra é, portanto, uma atitude estratégica que favorece não apenas o desempenho em leitura, mas a fluência e a autonomia em toda a aprendizagem linguística.

Referências bibliográficas

- Grabe, W. (2009). *Reading in a Second Language: Moving from Theory to Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Krashen, S. D. (1989). *We Acquire Vocabulary and Spelling by Reading: Additional Evidence for the Input Hypothesis*. *The Modern Language Journal*, 73(4), 440–464.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Oxford, R. L. (1990). *Language Learning Strategies: What Every Teacher Should Know*. New York: Newbury House.
- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.



Lendo para obter significado global

A leitura é uma das habilidades linguísticas mais fundamentais no aprendizado de uma segunda língua, pois proporciona contato direto com vocabulário, estruturas gramaticais e aspectos culturais da língua-alvo. No entanto, muitos estudantes iniciantes cometem o erro de concentrar seus esforços na decodificação palavra por palavra, o que acaba comprometendo a fluidez da leitura e a compreensão do texto como um todo. Em oposição a essa abordagem fragmentada, ler para obter o **significado global** é uma estratégia mais eficaz, pois permite ao leitor captar a essência da mensagem transmitida pelo texto, mesmo diante de vocabulário desconhecido ou estruturas complexas.

A leitura para o significado global — também chamada de *global reading* ou *gist reading* — baseia-se na ideia de que nem todas as palavras precisam ser compreendidas para que o leitor entenda o conteúdo principal de um texto. Essa estratégia é essencial para o desenvolvimento da fluência leitora, pois foca na **compreensão da ideia central, da intenção comunicativa e da estrutura geral do texto**, em vez de se prender a detalhes que muitas vezes não comprometem o entendimento global.

Grabe e Stoller (2011) defendem que o leitor eficiente utiliza tanto conhecimentos linguísticos quanto conhecimentos prévios para construir o sentido do texto. Isso significa que a leitura eficaz depende da ativação de esquemas mentais — estruturas cognitivas que organizam informações já conhecidas — e do uso de pistas contextuais, como títulos, imagens (quando presentes), marcadores textuais e estrutura do gênero. Assim, o significado não está apenas nas palavras, mas no conjunto das informações apresentadas.

Uma das formas mais comuns de promover a leitura para o significado global é por meio da técnica conhecida como *skimming*, que consiste em ler rapidamente um texto para captar sua ideia principal. Essa técnica é particularmente útil em atividades de pré-leitura, quando se deseja ter uma visão geral do conteúdo antes de uma leitura mais detalhada. Segundo Grellet (1981), *skimming* ajuda o leitor a identificar rapidamente o propósito do

texto, a reconhecer o tópico central de cada parágrafo e a prever o desenvolvimento das ideias, o que facilita a compreensão posterior.

Ler para obter o significado global também desenvolve a **autonomia e a autoconfiança do estudante**, especialmente porque reduz a dependência do dicionário. Muitos alunos, ao encontrarem uma palavra desconhecida, interrompem a leitura para traduzi-la, o que prejudica a fluência e, frequentemente, a motivação. Ao aprender a inferir significados a partir do contexto — prática conhecida como *guessing from context* — o aluno se torna mais independente, conseguindo seguir a leitura mesmo sem compreender cada elemento lexical.

Essa abordagem global da leitura também está diretamente associada à habilidade de **identificar a estrutura e a função do texto**. Por exemplo, ao perceber que está lendo uma carta de reclamação, um editorial, uma narrativa ou uma notícia, o leitor pode prever o tipo de informação que será apresentada, os verbos mais frequentes, o estilo da linguagem e os conectores utilizados. Essa previsibilidade estrutural contribui para a leitura mais estratégica e eficaz. Para Nuttall (2005), reconhecer o tipo de texto é um passo essencial para entender sua função comunicativa, facilitando a interpretação geral do conteúdo.

Outro benefício importante da leitura voltada para o significado global é a **valorização do conteúdo em vez da forma**. O foco não está na análise gramatical ou na tradução literal, mas sim na construção de sentido e no desenvolvimento da compreensão ampla. Essa perspectiva é especialmente relevante em contextos de leitura extensiva, em que o objetivo é incentivar o hábito de ler por prazer, com textos adequados ao nível do aluno e com temas interessantes. Krashen (2004) destaca que a leitura prazerosa e significativa contribui não apenas para o aumento do vocabulário, mas também para a internalização da língua como um todo, de forma subconsciente e duradoura.

Por fim, é importante destacar que ler para o significado global não exclui a leitura detalhada (*intensive reading*), mas a complementa. Ambas as estratégias são necessárias e devem ser aplicadas conforme o objetivo da leitura. Em avaliações, por exemplo, pode ser preciso localizar informações

específicas; já em leituras acadêmicas ou de lazer, captar a mensagem central pode ser mais relevante.

Em síntese, ler para obter o significado global é uma prática essencial para qualquer aprendiz de língua estrangeira que deseja desenvolver fluência, autonomia e competência textual. Ao priorizar a compreensão geral do texto em vez da tradução literal, o estudante adquire maior confiança, melhora seu desempenho e enriquece sua experiência com a língua.

Referências bibliográficas

- Grabe, W., & Stoller, F. L. (2011). *Teaching and Researching Reading*. Harlow: Pearson Education.
- Grellet, F. (1981). *Developing Reading Skills: A Practical Guide to Reading Comprehension Exercises*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Krashen, S. D. (2004). *The Power of Reading: Insights from the Research*. Portsmouth, NH: Heinemann.
- Nuttall, C. (2005). *Teaching Reading Skills in a Foreign Language*. Oxford: Macmillan Education.
- Wallace, C. (1992). *Reading*. Oxford: Oxford University Press.